



A DOR DA PERDA

Perder.

Qualquer coisa: um objeto pessoal, um bichinho de estimação, um ente querido.

Seja qual for a perda, ela é sempre sentida.

Alguns sentem mais, outros menos.

Alguns demonstram seus sentimentos, outros os escondem.

Alguns são verdadeiros, outros representam.

Pensar em perder é algo complicado.

Alguém consegue conceber com tranquilidade a perda de um grande amor?

Difícil.

Ao perder, é possível conseguir conviver com essa dor, mas jamais esquecer.

Se foi esquecido, não era amor.

O amor é um sentimento maravilhoso e intenso, que surge não somente entre um homem e uma mulher. Há o amor entre pais e filhos. O amor entre irmãos. O amor pelos animais. O amor entre amigos (por que não?).

Quando esse amor é interrompido pela perda, a dor é inevitável. Como dói!

A dor entra rasgando pelas veias, coração, mente, corpo.

E demora a passar... é uma dor infinita.

Não se quer mais sentir.

No entanto, a dor não obedece ao cérebro que suplica.

A vida perde a graça.

Não é possível ver sentido no trabalho, nas atividades antes realizadas com tanto prazer.

Não se quer sair, conversar, comer.

Se quer é abrir um buraco no chão pra se esconder.

Na expectativa que esse sentimento passe.

É uma mistura de angústia com depressão, difícil para alguns de entender.

Esses, insensíveis, passam a questionar o que se quer afinal.

Surgem muitos “entendidos” para opinar.

Devia fazer isso, devia fazer aquilo.

Mas quem sabe é somente aquele que sente.

O dono da dor.

Muitas vezes seu desejo é simples:

Apenas quer passar para o outro lado também.

Seja qual lado for.

Taciara Szymczak de Oliveira

Dourados, MS

05/07/06